

PARA QUE  
SERVE A **ESPIRITUALIDADE?**

HAROLD SEGURA C.

PARA QUE  
SERVE A **ESPIRITUALIDADE?**

Traduzido por  
HANS UDO FUCHS  
WAGNER GUIMARÃES



**PARA QUE SERVE A ESPIRITUALIDADE?**  
Categoria: Igreja / Vida cristã / Espiritualidade

---

Copyright © Harold Segura C., 2003

*Primeira edição:* Julho de 2010  
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Tradução:* Hans Udo Fuchs  
Wagner Guimarães  
*Revisão:* Paula Mazzini Mendes  
*Diagramação:* João Jacob  
*Capa:* Ale Gustavo

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2. ed., da Sociedade Bíblica do Brasil.

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

S456p  
2010

Segura C., Harold (Harold Segura Carmona), 1957-  
Para que serve a espiritualidade? / Harold Segura C. ; tradução de  
Hans Udo Fuchs e Wagner Guimarães. — Viçosa, MG : Ultimato, 2010.  
144p.; 21cm.  
Título original: Hacia Una Espiritualidad Evangélica Comprometida  
ISBN 978-85-7779-040-1  
1. Espiritualidade. 2. Vida espiritual. I. Título.  
CDD 22.ed. 248.4

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
EDITORIA ULTIMATO LTDA.  
Caixa postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

# SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
1. A espiritualidade na perspectiva do reino	9
2. A encarnação: mistério e modelo	29
3. Uma igreja para os outros	49
4. Precisa-se de profetas: o papel do cristão na sociedade	67
5. Por uma teologia dos direitos humanos	87
6. Justiça, oração e missão: dimensões da espiritualidade	105
<i>Apêndice 1: Uma soteriologia literária</i>	113
<i>Apêndice 2: Leituras de espiritualidade para o crescimento pessoal</i>	119
<i>Notas</i>	135

## PREFÁCIO

A espiritualidade é um dos temas mais ignorados entre os evangélicos latino-americanos. Apesar da persistência do povo em ser religioso e da proliferação de diversas “religiosidades” nos últimos anos, a reflexão séria sobre espiritualidade continua sendo um tema pendente nas igrejas evangélicas na América Latina.

A espiritualidade atual carece de alicerces teológicos. Sua articulação escassa ou nula com temas fundamentais, como o reino de Deus, a encarnação e o modo de vida de Jesus, e a missão da igreja, revela sua falta de identidade evangélica. Os resultados são notórios: igrejas e crentes carentes de ideias, impregnados com as expectativas e os valores promovidos pelas teologias da prosperidade, pelo animismo mágico e pela moda *psi* quando se trata de religiosidade. Com essa tendência instituída, a espiritualidade evangélica se limita a seguir um manual trivial sobre “o eficaz”, “o extraordinário” ou o “sem estresse”. Essa espiritualidade, em última instância, se restringe aos seus tópicos preferidos e fica “desconectada” dos temas da vida real. Carece da força transformadora que vem do Espírito e que demonstra a autenticidade da experiência religiosa.

*Para Que Serve a Espiritualidade?\** reúne seis capítulos cujo fio condutor é o fato de todos tratarem de certos temas clássicos da teologia e da missiologia para construir o que poderíamos chamar de “uma espiritualidade de compromisso”. Juntos, os capítulos situam a espiritualidade no lugar preferencial que deve ocupar, por meio de uma referência apropriada ao reino de Deus e a sua justiça. Assim, a espiritualidade se transforma em um espaço que preenche a vida cotidiana de sentido transcendente, graças a sua identificação com o “projeto dos projetos”, e se alinha com o propósito salvífico de Deus, sem excluir nenhum aspecto. Em vez disso, leva os cristãos a assumirem uma série de compromissos reais e práticos com o mundo e os seres humanos a quem Deus deseja redimir.

Que este livro possa motivar o leitor a vincular mais intimamente sua fé e sua vida prática — a oração e a experiência cotidiana.

C. René Padilla

---

\* Os cinco primeiros capítulos foram originalmente publicados em *Hacia una Espiritualidad Evangélica Comprometida* (Buenos Aires: Ediciones Kairós, 2002). O teólogo C. René Padilla, editor geral da Ediciones Kairós, assina o prefácio desta edição, que, além da revisão e da atualização do autor, conta com textos inéditos, reunidos a partir do capítulo seis. (N.E.)

## A ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA DO REINO

*Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.*

– Romanos 14.17

Diz uma antiga história judaica que certo homem chamado Dom Ver era uma pessoa pouco comum e levava uma vida espiritual muito rígida e severa. As pessoas tremiam em sua presença por causa do temor que sentiam. Ele era conhecido como um especialista no Talmude e em todos os demais textos religiosos da fé judaica.

Dom Ver jamais ria; pensava que a alegria não combinava com sua fé. Estava convencido de que sua relação com Deus somente era possível por meio de uma vida de sacrifícios e privações e, por isso, tornou-se famoso por seus longos jejuns. Porém, tal austeridade acabou fazendo mal à sua saúde e ele adoeceu gravemente; seus médicos não conseguiam encontrar a causa da enfermidade. Como último recurso, alguém sugeriu pedir ajuda a Baal Shem Tov. O enfermo não recebeu

de bom grado essa proposta, pois se tratava de um médico com quem tinha enormes diferenças em questões de fé e a quem considerava praticamente um herege. Porém, acabou cedendo. Enquanto Dom Ver cria que a espiritualidade consistia em restrições, sofrimentos e renúncias, Baal Shem abolia a dor e pregava que o que dava sentido à vida era a capacidade de gozá-la.

Já era mais de meia-noite quando Baal Shem saiu para atender o enfermo, de carro, com um casaco de lã e um gorro de couro. Entrou no quarto e seu primeiro ato foi pedir-lhe que lesse um dos livros sagrados, o Livro do Esplendor. Com desconfiança e expectativa, Dom Ver abriu-o e começou a ler em voz alta. Passado apenas um minuto da leitura, Baal Shem o interrompeu: “Algo está mal na sua vida espiritual... Falta algo à sua fé”.

“O que anda mal? O que me falta?”, perguntou o enfermo.

“Te falta alma”, respondeu Baal Shem Tov.<sup>1</sup>

## O que anda mal?

As perguntas do judeu Dom Ver servem para a nossa espiritualidade evangélica na América Latina e no Caribe: o que anda mal? O que nos falta? Certamente, algo deve estar mal quando, por exemplo, nossa piedade pessoal, fundamentada em uma ética individualista, não consegue integrar-se aos comportamentos sociais e ao cotidiano de nossa vida. É evidente o divórcio entre a piedade para a igreja e a vida para o mundo; entre a religiosidade individual e o comportamento social; entre a moral puritana e a vida cristã.

Somos conhecidos não só por nossas práticas de jejum, oração e leitura bíblica, por nossos cultos emotivos, por nosso

evangelismo entusiasmado, e por não fumar nem consumir álcool, mas também — e isto é o que preocupa — por não ter conseguido articular essa espiritualidade evangélica com os âmbitos particulares da vida diária, como a família, a empresa, a escola, a vida pública e a sociedade. Então, algo deve andar mal.

Em algumas regiões da Colômbia, o Instituto de Bem Estar Familiar registrou vários casos de violência intrafamiliar, principalmente de maus-tratos à criança, em lares evangélicos. Nos últimos anos, aumentou também o número de escândalos financeiros protagonizados por pastores e outros líderes cristãos. Talvez seja no campo da política eleitoral que o abismo entre piedade e vida, entre oração e atuação, entre santidade e integridade está mais evidente. Tem faltado em nossos candidatos devotos da espiritualidade evangélica retidão em seus princípios e fervor profético. Muitos deles sucumbiram diante do demônio da corrupção, do clientelismo e do abuso do poder. Essa incapacidade de fazer o discurso religioso da igreja repercutir em outros âmbitos da vida reflete as sérias falhas de nossa espiritualidade.

A tentação dos evangélicos, como disse Samuel Escobar, foi “reduzir o evangelho, mutilá-lo, eliminar a demanda de frutos de arrependimento. [...] Uma espiritualidade sem um discipulado voltado para o cotidiano e para os aspectos sociais, econômicos e políticos da vida é religiosidade, não cristianismo”.<sup>2</sup>

Além disso, os dados de nosso crescimento numérico — agora explosivos — não conseguiram traduzir-se em um impacto real e alternativo para os problemas mais graves do continente. Nesse caso, o abismo está entre nossa maneira de enfatizar a moralidade pessoal do cristão e nossa forma

de ignorar a ética social da igreja. Algo anda mal em nossa espiritualidade se ela nos leva a “fugir do mundo” em vez de nos ajudar a entrar nele e testemunhar o poder transformador do evangelho.

A resposta do médico judeu ao velho Dom Ver também serve para nossa reflexão: “te falta alma”. E a alma, em nosso caso, é a espiritualidade. Não nos referimos ao espiritualismo descontextualizado, nem ao ritualismo religioso, mas à espiritualidade como “um estilo de vida direcionado ao cumprimento do propósito de Deus para a vida humana e para a totalidade da criação”; uma espiritualidade que “se configura por sua maneira de pensar, sentir e agir coerente com Jesus Cristo como modelo da nova humanidade, e [que] depende do poder do Espírito Santo”.<sup>3</sup> O termo tem mais relação com aquilo que somos e com as motivações que estimulam nosso ser do que com experiências de êxtase ou com a prática de um misticismo artificial. Se quiséssemos tentar uma definição aproximada, que nos servisse como referência, diríamos que a espiritualidade cristã é o processo contínuo por meio do qual seguimos a Jesus Cristo, alimentando-nos da comunhão íntima com o Pai, sob o impulso do Espírito Santo e em peregrinação fraterna com a igreja.<sup>4</sup>

## Reino e espiritualidade

A alma de nossa fé é uma espiritualidade enraizada na Palavra e inspirada no modelo de Jesus e na paixão por seu reino. Anteriormente, mencionamos o reino de Deus e o relacionamos com a espiritualidade. O tema do reino não está entre nossos prediletos e não o temos relacionado com a vida espiritual cotidiana. Para a tradição popular evangélica,

o tema do reino de Deus tem sido um capítulo indefinido de suas doutrinas e um projeto de Deus que somente inspira pensamentos celestiais e culmina com questões apocalípticas sobre as ruas de ouro e os mares de cristal. Em muitos círculos evangélicos, falar do reino é falar do que está além, do que está distante e afastado.

Em nenhum dos mais reconhecidos compêndios da fé evangélica se ressalta o reino como tema principal de nossa fé. A supremacia das Escrituras, a majestade de Jesus Cristo, o senhorio do Espírito Santo, a necessidade de conversão, a prioridade da evangelização e a importância da igreja como comunidade dos que creem,<sup>5</sup> nenhum desses temas distintivos têm sido acompanhado pelo tema do reino de Deus, exceto em alguns círculos reduzidos de crentes chamados “liberais”.

O reino de Deus – ou o reinado de Deus, como preferem alguns – é um dos temas mais preponderantes no Novo Testamento, especialmente na pregação e no ministério de Jesus. Quem leva a sério a mensagem do mestre e se aventura a seguir seus passos não pode desviar-se da centralidade do reino nem de suas consequências para o discipulado. O reino de Deus é a causa a que Jesus se dedica.<sup>6</sup> Assim, não há porque deixar de ser a causa a que a igreja se dedica e também sua razão de ser. Nisto, segundo Galilea,

Jesus se diferencia não apenas dos profetas anteriores, mas também de todos os fundadores religiosos que os precederam. Eles falaram basicamente de Deus e da união com Deus; Jesus não fala nem trabalha apenas por isso, mas revela um Deus que tem um projeto histórico, que é o reino. Um Deus que quer melhorar as coisas, libertar a humanidade e mudar o mundo e a miséria humana no reino de Deus. Para Cristo, Deus e o reino são inseparáveis.<sup>7</sup>

Assim, para nós, Cristo e reino também são inseparáveis, visto que Jesus “é nada menos que o reino de Deus em pessoa”.<sup>8</sup> Falar do reino é fazer referência à infiltração de Deus na humanidade com o propósito de exercer seu eterno domínio e soberania sobre todas as pessoas e sobre toda a criação. Falar em reino equivale a falar em redenção plena, salvação completa, libertação total e esperança para tudo e para todos, porque o reino de Deus é “a nova criação de todas as coisas para a vida eterna”.<sup>9</sup> A partir desta perspectiva bíblica do reino, a espiritualidade deve ser compreendida e aplicada. Essa é a alma da espiritualidade que agora temos de recuperar.

## O reino diante de outros eixos normativos

Optar pelo reino como eixo unificador de nossa espiritualidade significa reconsiderar outros eixos que até agora exerceram uma autoridade normativa para moldar nossa maneira de seguir a Jesus. Examinaremos quatro deles.

### 1. Espiritualidade institucionalizada

Em primeiro lugar, temos, por exemplo, a igreja como instituição ou como religião. Quando a igreja atua como norma suprema da espiritualidade, ela se degenera em ativismo, que é “a ação sem senso de direção ou ação orientada à conquista de objetivos que não necessariamente concordam com o propósito de Deus para a vida humana e para toda a criação”.<sup>10</sup> É importante lembrar que a igreja não é um fim em si mesma, mas um meio ou instrumento a serviço do reino. Neste sentido, ser espiritual não pode reduzir-se a ser o melhor funcionário da estrutura institucional da igreja, porque, ao falar do reino de Deus e de seu senhorio, “não estamos referindo-nos a nossas próprias obras e seus frutos.

Da história das obras humanas, o que mais brota é um reino humano, não o reino de Deus. Tampouco a igreja pode fazer deste mundo um reino de glória".<sup>11</sup>

Muitos dos confrontos entre Jesus e os fariseus envolviam o fato de eles terem convertido a fé em uma transação humana, em que o mais importante não era o que Deus pedia aos homens e mulheres, mas o que a instituição religiosa lhes impunha para sua salvação. Estes religiosos haviam alterado os valores e já não sabiam distinguir entre o que era importante para Deus e o que era indispensável para a instituição. Jesus os condena com estas palavras:

Ai de vós, guias cegos, que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou! Insensatos e cegos! Pois qual é maior: o ouro ou o santuário que santifica o ouro? E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sobre o altar fica obrigado pelo que jurou. Cegos! Pois qual é maior: a oferta ou o altar que santifica a oferta? Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que sobre ele está.

Mateus 23.16-20

Os fariseus também haviam trabalhado intensamente a fim de se tornarem ativistas sacrificados, o que era a melhor demonstração de uma espiritualidade distorcida. A esse respeito, Jesus lhes disse: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!" (Mt 23.15).

Em nosso caso, com a excessiva ênfase no crescimento numérico das igrejas e no desenvolvimento de complexas estruturas organizacionais que demandam orçamentos

exorbitantes, equipes enormes e uma cultura da produtividade, corremos o risco de sacrificar a essência de nossa espiritualidade em nome da eficiência da organização.

## 2. Espiritualidade do extraordinário

Outro eixo também deficitário que devemos considerar sob a perspectiva do reino é o da experiência espiritual extraordinária. Neste, a espiritualidade é compreendida como a busca incessante de experiências desvinculadas tanto de um compromisso concreto com a causa de Cristo como dos comportamentos cotidianos. É uma mística sem ética; uma emoção sem missão; uma especulação sem expectativas.

Esse fenômeno não é exclusivo da nossa época. Os historiadores registram uma onda de espiritualidade especulativa que surgiu com muita força entre os séculos 13 e 14, entre cristãos europeus, especialmente da ordem dos dominicanos, que promoviam as visões e as revelações especiais como sendo o centro da espiritualidade. A maneira de moderar este entusiasmo foi, outra vez, voltar à essência da fé. O holandês Gerard Groot (1340-1384), fundador dos Irmãos da Vida Comum, o alemão Tomás de Kempis (c.1380-1471), autor do clássico *Imitação de Cristo*, e a espanhola Teresa de Ávila (1515-1582), fundadora da ordem das Carmelitas Descalças, foram, entre outros, críticos ferrenhos dessa maneira de viver o evangelho de Cristo. Em oposição, pregaram a importância da conversão do coração, do amor, do apostolado e da primazia da solidariedade com os mais necessitados.<sup>12</sup> Para eles, o segredo de viver com Cristo era encontrado primeiramente ao se olhar para dentro do próprio coração e, a partir dali, projetar-se em amor solidário para com os necessitados. Lutaram para não deixar que o

extraordinário da fé arrebatasse a profundidade do cotidiano da vida cristã.

Não se trata de despojar a espiritualidade das expressões soberanas e extraordinárias do Senhor. Sabemos que ele também se manifesta em sinais e milagres inexplicáveis. O Novo Testamento confirma isso: Pedro entra em êxtase, Ágabo profetiza, Paulo ascende ao terceiro céu, se fala em línguas no Pentecostes e João, em Patmos, tem uma visão extraordinária do Senhor da história. O equilíbrio consiste, então, em dar a essas experiências — que são surpresas da graça de Deus — o lugar que lhes corresponde em nossa prática de seguir a Cristo: nem desconhecê-las com um frio gesto de incredulidade, nem colocá-las no centro da fé, como se delas dependesse toda a nossa peregrinação espiritual. Por isso, Jesus recordou aos setenta discípulos que haviam regressado admirados do poder de Deus diante dos demônios: “Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus” (Lc 10.20).

### 3. Espiritualidade desconectada

A perspectiva do reino corrige também o espiritualismo individualista, que muitas vezes se expressa no cultivo de uma vida interior sem conexão com o mundo exterior e com a missão de Deus no mundo. Em muitos círculos evangélicos, a espiritualidade se concebe como um aperfeiçoamento pessoal em termos de moral e vida pura. Para José Míguez Bonino, a influência do fundamentalismo extremo no campo da ética “desenvolveu os aspectos mais vulneráveis da tradição evangélica pietista: o legalismo e a justiça própria, a oposição do material e do espiritual, a ‘separação do mundo’, que na prática induz a uma moral de uma vida dupla...”.<sup>13</sup> A visão

que se propaga é a de uma espiritualidade heroica, que obtém a vida vitoriosa por meio do jejum, da oração e da leitura exaustiva da Bíblia. É uma guerra dualista entre o espírito bom e a carne má, que nos lembra os velhos ensinamentos gnósticos que o cristianismo dos primeiros séculos teve de enfrentar.

Este “cultivo de valores relacionados com a vida interior”<sup>14</sup> proliferou a partir do terceiro e quarto séculos quando, segundo os historiadores, o ascetismo ocupou o lugar do martírio como centro da espiritualidade. Os monastérios dos primeiros séculos se ocuparam de pregar a importância da vida ascética em suas formas mais conhecidas de jejum, oração e penitência. Essa influência durou mais de mil anos, durante a baixa Idade Média, até o século 13, sendo que, em muitos ambientes católicos, ainda se observam suas características.<sup>15</sup>

Para o caso específico do movimento evangélico na América Latina, a piedade pessoal se associa ao pietismo que floresceu nos séculos 17 e 18, representado por Philipp Jacob Spener (1635-1705), August Hermann Francke (1633-1727) e o Conde Zinzendorf (1700-1760). O pietismo representou uma das influências espirituais de maior alcance e contribuiu com a renovação missionária daqueles séculos. Segundo Samuel Escobar, ele “não só fez a igreja renascer por dentro, como também a projetou rumo à missão de si mesma. Isto foi evidente especialmente no surgimento do movimento missionário morávio que se desenvolveu sob o ministério de Zinzendorf”.<sup>16</sup>

O que se debate aqui não é a piedade pessoal aprendida com os pietistas europeus. “O pietismo aponta para um precedente bíblico muito rico”.<sup>17</sup> O que se discute é a prática

de um pietismo que já não conserva a riqueza daqueles séculos e que deu origem a uma fé mística com os olhos fechados. O apóstolo Paulo se refere a esse desequilíbrio quando ensina que “o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. Aquele que deste modo serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens” (Rm 14.17-18).

#### 4. Espiritualidade sem estresse

A perspectiva do reino assinala também que a espiritualidade não deve reduzir-se à satisfação de necessidades psicológicas, tal como ensinam algumas das atuais teorias da autorrealização humana. Hoje, encontramos a pregação de um evangelho especializado nas ofertas, que promete a satisfação das necessidades pessoais, que põe a vida em ordem e que garante saúde, felicidade e até prosperidade econômica. É verdade que a vida em Cristo “nos ajuda em nossas perdas e satisfaz a alma cansada”, como se canta em alguns hinos, mas isso não significa que os benefícios são a essência da mensagem de Cristo, nem explica a razão de ser de nosso discipulado. Nossa sociedade dá muita atenção aos temas da superação pessoal por meios humanos; isso fica claro com a proliferação de métodos de relaxamento, de técnicas de poder mental e exercícios que convertem a fé em otimismo e a religião em um instrumento da psicologia condutista. Libertar a igreja deste “cativeiro psicológico”, como o chama Darrell Guder, “é uma tarefa teológica de primeira ordem. [...] São cativeiros que impedem a igreja de realizar sua missão no mundo”.<sup>18</sup> O ensinamento de Jesus é paradoxal:

Se alguém quer vir apóis mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida

perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.

Marcos 8.34-35

É a espiritualidade da cruz, que promete a vida para aquele que a arrisca por causa do evangelho. É, em outras palavras, uma espiritualidade que não oferece descanso, mas sim, tensão, porque:

O que caracteriza a espiritualidade de Jesus, que se poderia denominar espiritualidade do conflito, não é, por consequente, a ausência de um conflito ou a fuga dele. Jesus mergulha na conflitividade ao ponto de fazer algo que até hoje incomoda os exegetas: por que decidiu ir a Jerusalém, cidade em que pisou raríssimas vezes, justo no momento em que ele era mais procurado pela repressão?<sup>19</sup>

Em vez de fugir, Jesus enfrentou; e estava capacitado para enfrentar a prova devido à força que tinha como resultado de sua íntima comunhão com o Pai.

Assim, pois, percebemos que o eixo fundamental de nossa espiritualidade deve ser a causa de Cristo, que é o reino de Deus. Devemos seguir a Cristo baseados no modelo do mestre, e não nas expectativas da igreja institucionalizada, nas ânsias de nossa religiosidade legalista ou nos desejos de autorrealização humana. “Aprende de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma” (Mt 11.29).

Ser espiritual é viver a fé em relação amorosa com Deus e com nossos semelhantes; é seguir a Cristo assumindo as atitudes que ele assumiu diante de seu Pai, diante dos necessitados, diante do mundo e diante da criação em geral. A exortação de Paulo nos recorda: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fp 2.5).

Por isso, aceitar o convite para viver a espiritualidade do reino é submeter-se ao modelo do Rei. Com Jesus, o reino de Deus se faz presente entre nós, e “cresce e atua ‘no meio de nós’ sem pressa, mas também sem parar”.<sup>20</sup>

## Modelos do reino para a espiritualidade

É necessário observarmos três modelos principais que a dinâmica do reino de Deus oferece para nossa espiritualidade. Esses modelos contêm a semente da renovação e da esperança para a igreja. O reino é uma causa, mas, ao mesmo tempo, é um modelo e um paradigma; então, a espiritualidade se apresenta a nós como integral, pluriforme e radical.

### Espiritualidade integral

Sob a perspectiva do reino, nossa espiritualidade deve ser integral, holística ou abrangente. No 4º Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE IV), celebrado em Quito, Equador, em setembro de 2000, René Padilla afirmou, em sua exposição sobre o tema da espiritualidade, que, “sob a perspectiva da espiritualidade cristã, não há absolutamente nenhuma dimensão da vida humana nem da criação que esteja isenta da redenção de Deus”.<sup>21</sup> A espiritualidade cristã é integral porque nos chama a reconhecer e a viver o senhorio de Deus sobre toda a vida e sobre toda a sua criação, ao mesmo tempo em que nos convoca a comprometermo-nos com seu reino na transformação de tudo o que foi criado conforme o sonho de redenção do Criador. Como afirma Mariano Ávila, a espiritualidade integral

deve permear nossos afazeres cotidianos. Não é um aspecto da vida que se vive exclusivamente no culto ou no templo e que se manifesta nas práticas ascéticas ou de êxtase do cristão; é uma realidade que deve evidenciar-se no caminhar cotidiano, em todas as áreas da vida, como sinal do reino que veio e que está por vir.<sup>22</sup>

Na perspectiva do reino, a ação de Deus atinge o ser humano como totalidade indivisível que, ainda que seja multidimensional (biofísica, psicossocial e espiritual), constitui uma unidade. A pregação do reino, por parte de Jesus, propôs a redenção da totalidade do ser humano; por isso o ministério de Cristo não se reduziu ao anúncio oral das boas novas, mas também incluiu a saúde física, o alimento material, o consolo afetivo, a preocupação social, a pregação profética, o chamado ao arrependimento e a comunhão, permanente e cheia de gozo, com o Pai. Esta visão holística foi a marca distintiva do ministério de Cristo. Em seu reino não se separa o espiritual do secular, o santo do profano, ou o eclesiástico do social. No reino de Deus, a salvação é anunciada para todas as dimensões da criação; nesse sentido, podemos falar de uma salvação cósmica e abrangente. Deus deseja que todas as coisas criadas sejam restauradas segundo a intenção do Criador em um processo histórico que envolve tudo e todos. Vista assim, a espiritualidade também abrange tudo.

A espiritualidade é vida para a vida e fé colocada em prática em todos os âmbitos do nosso dia-a-dia. Foi isso que Jesus ensinou no Sermão da Montanha: falou da bem-aventurança dos limpos de coração, mas também dos que estavam dispostos a sofrer perseguição por causa da justiça; mencionou o valor da oração e do jejum, mas também das ofertas sem hipocrisia; tratou do tema da pureza do

casamento, mas também da necessidade de desprender-se dos bens materiais em favor dos mais necessitados; pediu aos discípulos que amassem o inimigo, dominassem a ira, falassem sempre com responsabilidade, não julgassem os outros, fossem luz do mundo e sal da terra, enfim, vivessem de maneira integral e se relacionassem com Deus e com o próximo de acordo com o princípio supremo do amor. Essa espiritualidade permite o acesso do divino e do espiritual a todas as áreas da vida.

Quando Inácio de Loyola, o reformador eclesiástico e místico espanhol do século 16, em união com seus seguidores, ensinou a “buscar a Deus em todas as coisas”, e a seguir a Jesus além das paredes do convento, incluindo um compromisso social, produziu um dos maiores aportes na história da espiritualidade cristã. Gannon e Traub, em seu livro sobre uma interpretação da história da espiritualidade cristã, destacam que:

A revolução no pensamento e na prática da espiritualidade iniciada por Inácio de Loyola consistiu, então, em uma mudança de ênfase na ideia de Deus: onde se encontra, como atua no mundo e como pode ser encontrado. Não deveria surpreender-nos que estas noções conduzissem a uma nova aproximação da espiritualidade e a uma concepção distinta da relação entre oração e ação. Para Inácio, a vida espiritual não era, em primeiro lugar, um problema de oração ou atividade, mas de fidelidade a Deus, que implica fidelidade nas tarefas divinas [...]. Inácio afirma que a união com Deus é essencialmente uma união de amor, [...] uma união que pode ser alcançada sem que importem as circunstâncias.<sup>23</sup>

E nós, hoje, depois de quatro séculos, continuamos lutando para encontrar essa integralidade.

## Espiritualidade pluriforme

Sob a perspectiva do reino, nossa espiritualidade também deve ser pluriforme e diversa. Se a espiritualidade cristã é o processo permanente de seguir a Jesus Cristo, as maneiras de fazê-lo variam muito; mudam de um século a outro, e de uma pessoa a outra. Há diversos fatores que condicionam a espiritualidade: o contexto social, a idade, a vocação, o pertencimento a uma denominação, a maturidade psicológica, entre outros. Escrevendo sobre este último fator, o missionário e antropólogo Gregorio Samutko diz: “Existe uma forte relação entre nossa maturidade psicológica e nossa espiritualidade, pois ‘a graça edifica sobre a natureza’. Por isso o progresso espiritual depende – em parte – do progresso na maturidade”.<sup>24</sup>

Essa diversidade tem a ver também com a variedade de formas com que uma pessoa ou um grupo expressa seu amor a Deus e vive seu compromisso cristão. Em outras palavras, não existe, à luz do reino, uma espiritualidade uniformizada, hegemônica ou distintiva que se deva apresentar como “a” espiritualidade para todos. A espiritualidade, em termos atuais, não pode ser globalizada e imposta.

A primeira menção sobre o reino de Deus que encontramos nos Evangelhos é a de João Batista, que convida ao arrependimento e anuncia que se deve preparar com urgência o caminho do Senhor. João é um exemplo da diversidade espiritual do reino que ele anuncia. Ele se vestia de uma maneira particular: roupa feita de pelo de camelo e um cinturão de couro; se alimentava de maneira diferente: gafanhotos e mel silvestre; pregava uma mensagem específica, acompanhada de um tom beligerante: “Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?” (Mt 3.7).

Os Evangelhos contêm um amplo registro de diversidade espiritual: uma mulher se joga aos pés do Mestre e os unge com perfume; Jesus, diante da crítica de Simão, o fariseu, enfatiza a fé da mulher dizendo que seu gesto é uma expressão de amor sincero (Lc 7.36-50). Um jovem rico, orgulhoso de sua religiosidade, recebe um convite decepcionante para vender todos os seus bens e dar aos pobres (Mt 19.16-22); Jesus lhe diz que esse ato é o requisito para segui-lo. Enquanto João e seus discípulos jejuam, os discípulos de Jesus “comem e bebem” (Mt 5.33). Num sábado, os discípulos, violando o costume dos judeus, arrancam algumas espigas de trigo porque têm fome; Jesus responde a seus acusadores que também Davi, pressionado pela fome, comeu os pães da proposição reservados, segundo a lei, somente para os sacerdotes. Ou seja, a espiritualidade de Jesus não é regida por um código inflexível e único, nem por uma tradição inviolável; guiado pelo Espírito, ele se abre à novidade do Pai e descobre que a misericórdia e o juízo ocupam o primeiro lugar. “E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes” (Mt 12.27).

A espiritualidade evangélica na América Latina e no Caribe não se caracterizou propriamente pela diversidade. As mútuas acusações acerca das práticas sociais, os julgamentos precipitados sobre as disciplinas piedosas, a imposição de modelos litúrgicos e a inflexibilidade para a mudança em todas as suas formas nos privou de desfrutar da graça da pluralidade. A espiritualidade é um espaço privilegiado para o exercício do respeito e do mútuo enriquecimento. Necessitamos encontrar pontos de encontro, por exemplo, entre as tradições litúrgicas mais formais e as novas liturgias

pentecostais e carismáticas; entre o compromisso social dos setores chamados “progressistas” e a piedade e a devoção particular das igrejas mais conservadoras; entre a paixão que demonstram nossas igrejas pela ação e pelo pragmatismo e a rica tradição católica que ensina o valor da contemplação, do silêncio e da quietude.

### **Espiritualidade radical**

Sob a perspectiva do reino, nossa espiritualidade também deve ser radical e comprometida. O reino exige um compromisso radical e completo de vida; nele não há lugar para uma religiosidade superficial e medíocre. A nossa espiritualidade é “uma fé messiânica com os olhos abertos”<sup>25</sup> que compromete toda a vida. Jesus ensinou assim: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10.37).

Um modelo histórico de radicalidade no seguir a Jesus se encontra no movimento anabatista do século 16. Milhares deles morreram como mártires. Não se sabe o número exato, mas foram mais que em qualquer outro grupo desse século. Os anabatistas aceitaram o caminho da cruz com todas as suas consequências e o fizeram sob a firmeza de sua fé, convencidos de que “onde o testemunho floresce, ali está o reino de Deus”.<sup>26</sup> Um historiador menonita nos diz:

A perseguição começou ainda antes do primeiro batismo em Zurique [21 de janeiro de 1525], já que a ameaça do desterro foi anunciada em 18 de janeiro de 1525 e o primeiro encarceramento de anabatistas em Zurique ocorreu em princípios de fevereiro. Cárcere, multas e, às vezes, torturas, constituíam o procedimento normal que sofriam os prisioneiros. Eram liberados unicamente

quando o prisioneiro prometia abandonar as reuniões anabatistas. Em março de 1526 já se impunham sentenças de prisão perpétua. Onde quer que o anabatismo se tornasse conhecido, se iniciavam medidas similares.<sup>27</sup>

Longe de querer validar todas as experiências anabatistas, algumas delas místicas ao extremo, procuramos valorizar o aspecto da peregrinação e o lugar reservado à cruz como experiência central no seguir a Cristo. Nisto, segundo alguns, a espiritualidade destes radicais coincide em alguns pontos com a do místico espanhol São João da Cruz — também do século 11 —, que afirmava que “quem não busca a cruz de Cristo não busca a glória de Cristo”.<sup>28</sup>

A espiritualidade cristã, entendida sob a radicalidade do seguir a Cristo, se fundamenta no compromisso com o reino, se alimenta da intimidade com o Rei e vive a alegria do testemunho até as últimas consequências. Dom Pedro Casaldáliga expressa melhor esse conceito quando define a espiritualidade como um testemunho coerente, que consiste em “ser o que se é. Falar o que se crê. Crer no que se prega. Viver o que se proclama. Até as últimas consequências e nos mínimos detalhes diários”.<sup>29</sup>

### **Te falta alma**

Para terminar, voltemos à história do velho judeu Dom Ver e seu médico, Baal Shem Tov. O médico observa o enfermo e diz: “Algo anda mal... Algo está mal em sua vida espiritual... falta algo a sua fé”. Quando seu paciente pergunta: “O que é que anda mal? O que é que me falta?”, a resposta é: “Te falta alma”. E dissemos que a alma, em nosso caso, é nossa espiritualidade; a espiritualidade entendida como

o processo contínuo por meio do qual seguimos a Jesus Cristo, alimentando-nos da comunhão íntima com o Pai, sob o impulso do Espírito Santo e em peregrinação fraterna com a igreja.

Essa espiritualidade não pode reduzir-se ao cumprimento das exigências ativistas da igreja convertida em instituição, nem a um acúmulo de experiências espirituais extraordinárias, nem ao cultivo de uma vida interior desconectada do mundo exterior e da missão de Deus, nem à satisfação egoísta das necessidades psicológicas ou à busca por autorrealização humana.

A espiritualidade, sob a perspectiva do reino, deve ser integral, pluriforme e radical. “Nem é espiritualista, com um Deus sem reino; nem é materialista, com um reino sem Deus. Vive a síntese integrada que Jesus viveu e nos revelou: pelo Deus do reino e pelo reino de Deus”.<sup>30</sup>